



---

**ESPAÇOS DE ESPERANÇA: O SONHO DIURNO NA MEDITAÇÃO  
DO AMANHÃ NOS POEMAS DE JOSÉ CRAVEIRINHA E DE DOM  
PEDRO CASALDÁLIGA.**

\*\*\*

**HOPE SPACES: THE DAY DREAM IN MEDITATION  
TOMORROW IN POEMS OF JOSÉ CRAVEIRINHA AND DON  
PEDRO CASALDÁLIGA.**

Cleonilde Ribeiro de Souza Costa- UNEMAT<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 16/08/2016

**Data de aceite:** 18/09/2016

**RESUMO:** O artigo aborda o comparatismo literário que ocorre entre o poema “Sementeira” (1ª versão) de José Craveirinha e “Pequena Profissão de Esperança Total”, de D. Pedro Casaldáliga. O estudo foi realizado a partir da concepção de “macrossistema”. Esse procedimento estabelece estratégias para análise de obras pertencentes a sistemas literários nacionais em Língua Portuguesa. O conceito de Utopia foi utilizado para mostrar a capacidade de criar imagem poética que imprime modo de construção social por meio do desejo, unindo expectativa e esperança em representações de mundos que emergem do contexto político/social. Os poemas apresentam confluências, considerando as relações que cada um estabelece com a cultura local de cada sistema e, que mantém um diálogo à medida que o leitor percebe a construção das imagens poéticas representantes de um mundo ainda no “devir”, mediante ao sonho diurno que se universaliza pela Esperança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Comparatismo literário; Utopia; Craveirinha; Casaldáliga.

**ABSTRACT:** The article discusses the literary comparatism that occurs between the poem "Seeding (1st version)" José Craveirinha and "Little Hope Profession Total," Pedro Casaldáliga. The study was conducted in the design of "macrosystem". This procedure establishes strategies for analysis of works belonging to national literary systems in Portuguese. The concept of Utopia was used to show the ability to create poetic image printing mode of social construction through desire, uniting expectation and hope in representations of worlds immersed in the political/social context. The poems have confluences considering the relationship that each has with the local culture of each system, which maintains a dialogue as the reader perceives the construction of poetic images representative of a world still in "becoming" through the daydream that universalized for Hope.

**KEYWORDS:** Poetry; Literary comparatism; Utopia; Craveirinha; Casaldáliga.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários Mestrado/Doutorado da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra/MT. Orientadora: Profa. Dra. Vera Maquêa. cleonildesouza@hotmail.com





---

## Introdução

O artigo aborda um diálogo literário entre dois poemas, o primeiro chama-se “Sementeira” (1ª versão), de José Craveirinha publicado na antologia *Obra Poética* (2002). Esta obra foi organizada a partir da junção de poesias publicadas em outros livros como “Cela 1”; “Xigubo”; “Karingana ua Karingana”; “Maria”; “Babalazes das Hienas”, a qual se juntam outras inéditas que respeitosamente foram cedidas pela família do escritor.

O poema acima citado está em “Karingana ua Karigana” que na língua ronca significa “Era uma vez”, o livro reúne poemas que anunciam a força de uma linguagem estabelecida a partir de uma metalinguagem, que viabiliza a visão criadora do poeta que cria arte com palavra, pois ao mesmo tempo em que apresenta um texto mais extenso, cria outro mais curto, e assim, a densidade de cada palavra representa a maneira singular da poesia moçambicana que alça ao longe a perspectiva de um amanhã em construção. Neste contexto de despertar a aurora adormecida é que a imagem poética do poema “Sementeira” torna-se elemento utópico e, assim, lança-se em busca de outras vozes que juntas constroem perspectivas de emancipação social.

O segundo poema é intitulado de “Pequena Profissão de Esperança Total”, de Dom Pedro Casaldáliga, publicado na obra *Antologia Retirante* (1978). Nesta há poemas escritos em duas línguas, isto é, de um lado castelhano, de outro português. O livro compõe-se de textos que foram publicados na obra *Tierra Nuestra, Libertad* (1971) publicada pela Editora Guadalupe na Argentina e outros poemas inéditos que imagetivamente representam a realidade brasileira.

A perspectiva dialógica dos poemas ocorre por meio da temática da esperança quando observamos que tanto em “Sementeira” quanto em





---

“Pequena Profissão de Esperança total” é tecido, por meio da poética e no desejo de construir algo diferente, o mundo novo. Por isso, a esperança é a mensagem de libertação humana comum aos dois contextos literários. Nesse sentido, os estudos realizados por Arno Münster (1993) afirmam que a esperança é vista como “afeto da espera” e da “expectativa”, essas duas unem-se com a terceira que é a “categoria possibilidade”, sendo assim, é possível criar uma realidade nova em que a liberdade e a justiça entre os homens tornam-se princípios para o amanhã que se constrói na poesia. Isso é possível porque o sonhar acordado é a possibilidade de ter ou construir algo que através do desejo se estrutura em projetos possíveis de realização.

Os estudos críticos de Tania Celestino de Macedo (2014, p. 458) revelam que é possível construir pontes comunicativas entre o Sistema Literário Brasileiro e o Sistema Literário Moçambicano quando consideramos o processo autônomo estabelecido por eles não como “natural” ou de “adaptação/aclimatização” de outras culturas, mas principalmente, porque durante todo o processo de consolidação de seus sistemas, houve por parte dos escritores, a consciência e o desejo de produzir uma literatura que os expressassem conforme suas perspectivas socioculturais.

Por este motivo, a leitura das obras produzidas no Brasil foi ao encontro das concepções literárias de Moçambique. E sem descartar as experiências coloniais que permearam a história destes países, bem como, a postura crítica dos autores engajados que produziram obras que se inserem num projeto estético literário com a visão e tensões de mundo da época, e em especial, daquilo que havia de particular em suas culturas, é que na atualidade consideramos importantes as pontes comunicativas ocorridas entre os sistemas literários dos países acima citados. Ainda, a perspectiva nacional dos escritores perpassou pela necessidade de escrever de maneira que elas permanecessem ativas no que se refere ao “sistema vivo de obras”





---

(CANDIDO, 2011, p. 84) já que o mundo literário em épocas modernas se caracteriza pelo panorama dinâmico que não se cristaliza.

Os estudos críticos de Benjamin Abdala Junior (2003, p. 67) apontam para a existência e a necessidade de um comparatismo de solidariedade que considera a diferença cultural dos países de língua oficial Portuguesa como a possibilidade e a potencialidade de conhecer a si mesmo e o outro, de modo que haja um olhar diferenciado e este se caracterize a partir de uma postura crítica em que se acredite que “buscando o que existe de próprio e de comum em nossas culturas” (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 67) constitui-se em estratégias que contribuirá cada vez mais para uma crítica literária descolonizada. Este processo de atualização coloca as literaturas à disposição da crítica para que o conhecimento obtido a partir dela amplie as expectativas artísticas e literárias no mundo.

### **O discurso poético e o sonho diurno.**

O poema se alimenta da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, ou seja, de suas tendências mais secretas e poderosas (PAZ, 2012, p. 48).

O ato de meditar desenvolve a ação em que o próprio sentido do verbo se revela enquanto linguagem e produto do pensamento do homem, com isso, seu sentido torna-se veículo de militância política, o discurso poético é tido como o processo de construção movido pelo desejo, por isso, a certeza de que o amanhã enquanto espaço de esperança torna-se o devir na própria história social dos países que viveram às margens do capitalismo. Então, meditar é preparar a ideia, amadurecendo-a longamente por meio da consciência que dá forma ao arquétipo do país nacional, mediante as





---

estratégias que o discurso tece injetando na linguagem perspectivas de mudanças. Tudo isso, funciona como terreno fértil, por conseguinte, o desejo que germina na “consciência antecipadora” se torne capaz de provocar alterações sociais. Este termo é utilizado por Ernest Bloch quando ele discute a militância do ser enquanto concepção para a realização da prática filosófica, sendo ela ação do sonho diurno produzido pelo consciente, sabedor de que tudo que é sonhado diferentemente do sonho noturno é possível de ser concretizado pelo sujeito.

A perspectiva filosófica do sonho diurno se estabelece a partir da visão do novo conceito de Utopia que rompeu com as presunções das utopias clássicas. Esta projetava a sociedade idealizada, pertencente somente ao mundo das ideais e a partir disso pautava-se em uma ordem social e política repressiva e totalitária. Todavia, a Utopia de Bloch, segundo Arno Münster (1993), baseia-se principalmente pela ligação da utopia com a expectativa da esperança crítica, esta energia é capaz de romper com a alienação e com todas as estruturas dominantes que impedem o homem a projetar suas ações revolucionárias. Ou seja, a nova Utopia permite que o sujeito durante o processo histórico condicione-se de acordo com as experiências sociais que ao longo do tempo foi desenvolvendo, assim, quando ele percebe que o que ele está vivendo não está de acordo com as suas necessidades por causa de uma sociedade presa aos modelos fechados, é capaz de criar outra conforme sua prática e principalmente através de sua maneira de sonhar, a citação abaixo sanciona o que o estudo de Münster expressa sobre a utopia crítica:

O “*espírito utópico*” implica uma reformulação da questão ética, não no sentido de uma *ética normativa tradicional*, mas no sentido da reivindicação da realização de uma nova prática humana e moral enquanto síntese de uma nova concepção ética das relações inter-humanas que abrange não somente os ideais de igualdade e de fraternidade





---

sintetizados pela Revolução Francesa, mas também os objetivos de uma revolução socialista (1993, p.19).

Concomitantemente, esta perspectiva utópica de pensar o mundo do futuro na visão “das experiências concretas da consciência” ou “ciências das possibilidades ainda-não-exteriorizadas e latentes do ser” (MÜNSTER, 1993, p.20) abre-se para a dialética do texto poético como estrutura do sonho que constrói suas aspirações éticas por meio da sublimação da matéria social. Surge assim, a revolução social, política e econômica através da consciência poética com o objetivo de construir a sociedade que não nasce só das ideias, mas principalmente, da experiência militante dos que estão inseridos nela e que lutam pela causa dos marginalizados.

Nesse sentido, o ato de sonhar e construir por meio da linguagem fluída do poema engajado abre-se novas possibilidades para o discurso que se encarrega de subverter as estruturas dominantes referentes ao sistema fechado das utopias clássicas, ele passa então, a basear-se na utopia de Bloch como âmbito científico, pois, é considerado diferente das formas anteriores por ter a visão “renovadora do materialismo histórico e dialético, [...]” (MÜNSTER, 1993, p. 21).

No poema que segue tem-se a imagem da “sementeira” que poeticamente surge através dela o espaço Esperança, porque o poema é o canteiro das ideias principiadas pela consciência antecipadora do ser que fala no texto, pois, o projeto idealizado que nasce no eu-poético relaciona com o sujeito que tem consciência da possibilidade da criação de uma nova ordem social, esta ordem representa o lugar, o país. Assim sendo, os dois nascem juntos, por meio da consciência que o medita, ela é o próprio lugar novo que está plantado no devir, distintivo da meditação do amanhã. A estrutura da sementeira rompe com as fronteiras do espaço presente, sistema fechado da





---

ideologia capitalista, para tornar-se realidade por meio da projeção que o eu-lírico constrói por meio da matéria do sonho. Nesse processo dialético surge a sociedade dos homens sedentos de igualdade e fraternidade.

A imagem da “semente” constituída no poema transforma-se no desejo que produz o devir capaz de produzir efeitos contrários aos respectivos da autoridade que lidera a sociedade vigente. O produto germinado na “consciência antecipadora” do homem consciente é o sonho diurno, é a capacidade militante que trabalha na construção do Continente Africano que se revela enquanto espaço no presente do homem histórico que almeja constituir-se como o novo ao qual espera. A Esperança já não é mais só ideia, é acima de tudo, projeto que se realiza por meio do sonho diurno, capacidade humana que eleva a mais sublime vontade de viver em outro tempo, pois o sonho não sofre censura, ele vai sendo alimentado pela consciência de tal maneira que se transforma na dialética capaz de construir o futuro como ocorrera com as utopias clássicas, no entanto, ele conduz o homem e o sonho como produto de uma sociedade que muda de acordo com as necessidades individuais dos grupos que a compõe.

Para melhor entender o conceito, a teoria afirma que o texto poético produz o espaço de Esperança constitutivo do sonho diurno quando nas primeiras estrofes estabelece a imagem do lugar onde há várias sementes germinando ao mesmo tempo, puxando para a realidade do homem já que a imagem é salutar ao grupo de pessoas que desejam juntos a mesma coisa, estão imbuídos na meditação do sonho acordado, por isso, brota na consciência de cada um o projeto único que se completa quando unidos pelos raios de um amanhã que compõe o lugar, a nova realidade de se viver humanamente.

O início da germinação é evidente nas primeiras linhas do poema quando o eu-poético fala que “cresce a semente/lentamente/debaixo da terra





---

escura”, traduzindo para a realidade psíquica a semente é o desejo e a terra escura é a consciência que ainda não foi produzida, mas o desejo é o impulso que fermenta a imaginação, por isso, a vida da semente enquanto estrutura psíquica cresce à medida que o sonho de querer algo se transforma em luz, vontade, projeto desejável.

A segunda estrofe intensifica ainda mais esse processo de germinação, os versos confirmam que o tempo da incubação da semente, isto é, o tempo da meditação é longo, mas continua a crescer porque a consciência revela aquilo que ainda não existe, mas não se esvazia. Não importa a demora, o mais importante é a maneira de imaginar, por isso, observa-se que o ser do eu-poético caminha junto com a semente, respeitando o tempo de espera. A evidência dessa ação está nos versos “cresce a semente/enquanto a vida se curva no chicomo/e o grande sol de África/vem amadurecendo tudo/com seu calor enorme de revelação.” É uma sociedade que nasce das entranhas da consciência mediada pela prática social de que isto é o sujeito que é submetido a certas práticas fechadas e opressoras, ainda assim, aprende a sonhar com outra mais humana, justa e fraterna.

Na terceira estrofe mostra através dos versos que o tempo de construção continua, porém um pouco mais diferente, já que o lugar começa a tomar forma, além da semente, personifica também a imagem da sementeira/coletivo que é a “povoação”. Esse procedimento é perceptível nos versos “Cresce a semente/que a povoação plantou curvada/e a estrada passa ao lado/macadamizada quente e comprida/e a semente germina/lentamente no matope/imperceptível como um caju em maturação”. Essa terra onde se plantou as sementes não é um lugar qualquer, ela é própria para germinar, pois é lodosa, úmida é o “matope”. A consciência que germina a semente do País também não é fraca, ela é “revelação” escondida na sabedoria das pessoas que aprenderam ao longo do tempo que a germinação deve inculcar





---

e meditar de maneira demorada para se fazer a Nação que vai ao encontro do arquétipo pronunciado pelo eu-lírico. E o adubo que fermenta a meditação em prol do espaço do homem é a Esperança. As três primeiras estrofes correspondem ao tempo longo que o País/Moçambique teve que passar para conquistar sua independência política. A sementeira abre-se em projeto, as estrofes que seguem demonstram a técnica de maturação:

SEMENTEIRA  
(1ª versão)

Cresce a semente  
lentamente  
debaixo da terra escura.

Cresce a semente  
enquanto a vida se curva no chicomo  
e o grande sol de África  
vem amadurecendo tudo  
com o seu calor enorme de revelação.

Cresce a semente  
que a povoação plantou curvada  
e a estrada passa ao lado  
macadamizada quente e comprida  
e a semente germina  
lentamente no matope  
imperceptível como um caju em maturação  
(CRAVERINHA, 2002, p. 129).

A estrofe abaixo marca a passagem da ideia para o arquétipo em um processo de germinação, e a semente torna-se o projeto de nação, do país ou do lugar em que a nova realidade se estabelece por meio do “*topos utópico*”. Os versos a seguir conferem o projeto que esteve a germinar nas mãos e do suor branco da matéria poética:





---

E a vida curva as suas milhentas mãos  
geme e chora na sina  
de plantar nosso suor branco  
enquanto a estrada passa ao lado  
aberta e poeirenta até Gaza e mais além  
camionizada e comprida.  
(CRAVERINHA, 2002, p. 129).

Nos versos acima é perceptível a possibilidade do novo lugar porque a experiência psíquica não se fecha na alienação das utopias clássicas, isto porque o sonho diurno pertence ao processo contínuo das mudanças sociais. Enquanto a experiência do sujeito está submetida nas intensas formas de exploração de sua capacidade de sonhar que incide por outro caminho, o da Esperança. Os versos seguintes mostram a experiência social e a experiência sonhadora ocorrida no poema “e a vida curva as suas milhentas mãos/geme e chora na sina/de plantar nosso suor branco/enquanto a estrada passa ao lado/aberta e poeirenta até Gaza e mais além/camionizada e comprida”, a ação ocorrida nas palavras “[...] plantar nosso suor branco” revela a constância do sonho diurno dos sujeitos que estavam submetidos ao serviço alienado proposto pelo sistema social capitalista. Na época ocorriam com frequência os conflitos de guerra no território de Gaza devido os interesses mercadológicos das potências mundiais.

Os pressupostos filosóficos de MÜNSTER (1993), a partir da visão de Bloch, apontam o procedimento de transformação ideia/projeto baseando-se em um mundo aberto às possibilidades do imaginário, porque a estrutura desse lugar é feita pelo homem que acredita que o mundo e ele são regidos pelos acontecimentos ocorridos, assim como o ser humano, a sociedade também é um espaço de possibilidades, o lugar dos sonhos não é limitado, a citação abaixo colabora para este entendimento das possíveis transformações quando se constata que:





---

[...] a existência deste *topos* é justificada pelo fato de que o mundo não é um sistema fechado ou um processo acabado, porque possui um horizonte aberto e é cheio de possibilidades “ainda-não” realizadas. Os homens e as mulheres ainda não são o que poderiam ser, e o mundo não atingiu sua autenticidade. O mundo e os homens que vivem nele ainda não estão “realizados”. Tudo no mundo é movimento e gestação. O mundo é um vasto campo de possibilidades ilimitadas, não somente por causa das intervenções da vontade humana e da prática transformadora na história e por causa da teleologia específica das diversas manifestações da subjetividade humana, mas também por causa da incidência permanente da “categoria de possibilidade”, permitindo sua transformação permanente, concebida como um processo ininterrupto do próprio devir e do “devir-autêntico” (MÜNSTER, 1993, 27).

É através desse sistema aberto que o mundo imaginário circunscreve enquanto política mantendo com frequência as relações sociais e históricas que estão sempre a mercê das mudanças, isto é, a perspectiva imaginária projeta meio de transformação, assim, gera novas estruturas, e é por esse motivo que a possibilidade do “amanhã” existe no discurso poético de José Craveirinha e de Pedro Casaldáliga.

No final do poema, no último verso existe a explosão da Esperança, data que sugere o princípio da colheita, a imagem pronta desse país que vem sendo germinado desde o início do texto pelo ato de meditar por meio da linguagem poética. Assim, constitui-se o espaço da Esperança, a terra independente, a África e seus povos. A estrofe abaixo afirma a presença desse lugar que foi plantado, germinado na sementeira. Eram sementes de algodão, de esperança. O ponto de exclamação expressa a força dessa expectativa e a realidade, já que o dia da colheita vai chegar, vejamos:





---

Depois  
de tanga e capulana a vida espera  
espiando no céu os agoiros que vão  
rebentar sobre as campinas de África  
a povoação toda junta no eucalipto grande  
nos corações a mamba da ansiedade.

Oh, dia da colheita vai começar  
na terra ardente  
do algodão!  
(1955) (CRAVEIRINHA, 2002, p.129).

No poema “Pequena profissão de esperança total” (1978) de Pedro Casaldáliga o discurso poético representa o exercício de pensar, por menor que seja como bem definem as palavras “pequena profissão”, no entanto, ele é capaz de revelar uma das grandes potencialidades da consciência humana. Esta mobiliza as manifestações do sonho diurno que se caracteriza pela força motriz da “esperança total”, a expectativa e a espera são sentimentos de confiança em coisas positivas em meio às negativas, sendo assim, elas podem transformar a realidade opaca, negativa num ambiente de prosperidade, porque esta energia mobilizadora do pensamento humano, segundo os estudos filosóficos, é a expectativa do novo, é o “impulso” que rompe o véu da passividade e se abre em direção ao mundo exterior (MÜNSTER, 1993), como já foi mencionado essa atividade psíquica transforma-se no projeto dotado de objetivos, de metas já que as imagens poéticas são constituídas do desejo do eu-poético que cria a possibilidade e a potência da situação positiva capaz de interferir na realidade dos homens sociais.

Para compreender melhor esse “novo tipo de consciência” apresentado nos versos que dizem “ponteiro deste relógio/de esperas e de esperanças” como formas oníricas positivas às reflexões de Arno Münster (1993) afirma que o processo inicial ocorre quando o “ainda-não-consciente” do eu-poético caracteriza-se pelo querer ser ou querer realizar uma ação





positiva. Dessa forma, o discurso poético impulsionado pelo desejo da consciência do eu-lírico reverte uma realidade posta que cria o espaço de Esperança. O elemento “Garça branca” representa a existência dessa consciência do homem que tem a virtude da espera. Na segunda estrofe, os versos “asa de todos os meus vôos/estes anos de sertão” trazem a referência do lugar de onde a consciência, a expectativa realiza o exercício da esperança total. O texto poético abaixo revela outras questões importantes que aos poucos vão se desenhando:

#### PEQUENA PROFISSÃO DE ESPERANÇA TOTAL

Garça branca, adeus,  
Pequena.  
Boa notícia de Deus.  
Signum credibilitatis  
da Nova Criação.

Asa de todos os meus vôos  
estes anos de sertão.  
Vela de tantas margens  
que acolhem o destempero

das águas e dos homens.  
Ponteiro deste relógio  
de esperas e de esperanças.  
Em meus silêncios, canção.  
Em minhas altivas respostas,  
sinal de interrogação.  
Em minhas pressas temporais,  
Campainha de oração.  
Em minha Graça,  
garça branca,  
Criação.

Vou-me para voltar,  
Vivo de Ressurreição.  
Para levar-te comigo  
e devolver-te melhor:  
vivos em Carne em Glória,





---

pela Nova Criação,  
livres de todo Pecado  
de toda Exploração  
\_ Novos Céus e Nova Terra \_,  
Rios, garças, homens, Deus”  
(CASALDÁLIGA, 1978, p. 221).

Ainda na segunda estrofe, a expressão “vela de tantas margens/que acolhem o destempero/das águas e dos homens” representa a prontidão de alguém em vigília que reconhece os despautérios do mundo em movimento, e aproveita para exercitar a meditação que o leva a sonhar com algo melhor, com a “Nova Criação”. A invenção a partir do pensamento humano continua nos versos que dizem “em meus silêncios, canção./em minhas altivas respostas,/sinal de interrogação” a contradição entre respostas e interrogações comprovam que esse imaginário não é mais o imaginário das coisas idealizadas, acabadas, mas sim, da meditação que se coloca como tarefa de reflexão, isto é, o homem moderno é o elemento criado em uma realidade correlacionada com a visão crítica de si mesmo. Ou seja, até as melhores respostas tem que serem averiguadas por quem as instituiu. Isso ocorre porque teoria de Bloch sustenta que o impulso da consciência deve estar sempre orientado para o um objetivo correspondente à necessidade. E no mundo moderno é necessário que o sujeito paute-se pela crítica dos atos humanos e das frequentes mudanças (MÜNSTER, 1993).

Os versos da última estrofe “vou-me para voltar/vivo de Ressurreição” concebe-se o exercício da consciência que gera em torno de uma ação sempre jovem, processa o tempo de mudança que sustenta o agora, o “futuro” e a “criatividade” em função de outra “tempos de mudanças”. Nesse sentido, pode-se entender que o tempo do poema não é histórico, é humano porque se relaciona intimamente com a construção social do ser que o constrói por meio do espírito de juventude (ABDALA JUNIOR, 2003, p.





18). O pensamento criador considera que a liberdade está posta lado a lado da força da consciência que impulsiona os desejos, por isso, o tempo no texto poético é revolucionário. As relações imagéticas do poema não apresentam fissuras, de acordo com estudos teóricos, o texto apresenta um tempo que é:

[...] arquétipo; e por sê-lo, é tempo que se encarna na experiência concreta de um povo, um grupo ou uma seita. Essa possibilidade de se encarnar entre homens faz dele manancial, fonte: o poema dá de beber a água de um presente perpétuo que é, também, o mais remoto passado e o futuro mais imediato (PAZ, 2012, p.194).

Sendo assim, o eu confisca a voz poética para realizar coisas do tempo presente, mas que a relação desse mesmo ser poético se abre a outros processos temporais do homem social em processo de construção como bem funciona a própria palavra do poema, ou seja, “a imagem diz isso e aquilo ao mesmo tempo” (PAZ, 2012, p. 196), “vou-me para voltar/vivo de Ressurreição”, os versos mostram o processo contínuo que as mudanças revolucionárias da modernidade propiciam ao homem, pois, é necessário deixar de existir para existir depois, outra realidade se instala no tempo/espaço do amanhã.

Nessa perspectiva revolucionária da consciência, sobre o processo da palavra enquanto imagem social que o poema cria, demonstra o nível de aspiração que a utopia por meio do sonho diurno é capaz de realizar. É a consciência imaginativa que evolui com as histórias das utopias clássicas e modernas, sendo assim, a imaginação poética se ocupa da constituição da matéria social pela palavra precedida do ser que medita e toma o espaço como constitutivo de suas próprias ações, por isso, cria um novo mundo, com novas histórias, o espaço, como bem diz o eu-poético no texto em análise. Os versos finais do poema “Pequena profissão de esperança total” abaixo sancionam o





---

mundo meditado pelo eu-poético. Esse homem que habita o espaço de esperança é feito de carne e glória, no entanto, não existirá “Pecado” e nem “Exploração”, pois são qualidades desnecessárias aos impulsos dos sonhos diurnos:

Vou-me para voltar,  
vivo de Ressurreição.  
Para levar-te comigo  
e devolver-te melhor:  
vivos em Carne e em Glória,  
pela Nova Criação,  
livres de todo Pecado  
e de toda Exploração  
-Novos Céus e Nova Terra-,  
rios, garças, homens, Deus!  
(CASADÁLIGA, 1978, p. 221).

Os estudos realizados por MÜNSTER (1993) em relação ao pensamento filosófico de Ernst Bloch abrangem reflexões acerca da história das utopias, por isso, ele considera que todas as evoluções de conceitos ao analisar a imaginação humana para revolucionar a história do homem e do espaço no qual estava inserido e no que desejava criar, perpassam pela “conscientização” que abala o sistema cultural, político e social existente em cada época que se avança no desejo de querer mudar o mundo.

E mais, “a experiência poética não é outra coisa senão a revelação da condição humana, isto é, do permanente transcender-se em que consiste justamente a sua liberdade essencial” (PAZ, 2012, p.197). A essencialidade está no mundo do homem e da utopia, livre das estruturas dominadoras e em seguida ergue-se como o impulso do querer, no desejo da construção de uma aurora que ecoa na palavra e no ser poético, desse modo, é a perspectiva do sonho que cria a imagem do poema inscrito no presente que prevê o futuro.





---

Os pressupostos teóricos de Octavio Paz (2012) apontam para a importância da relação que o poema tem com a história do homem, pois, ele aspira à liberdade para dizer com palavras algo relacionado a ele mesmo e as coisas dele, assim, “se liberdade é movimento do ser, transcender-se contínuo do homem, esse movimento sempre deverá estar referido a algo” (PAZ, 2012, p. 197), e a imagem do poema expressa a movimentação do ser que constrói a realidade poética pautada no devir, ato de esperança. Não deixa de ser uma nova consciência do homem que se relaciona com o tempo/espaço por meio da esperança crítica. Desse modo, o poeta “nos fala do próprio poema, do ato de criar e nomear” (PAZ, 2012, p. 197) um amanhã que na perspectiva humana constantemente se renova porque o ser histórico social prevalece dessa característica.

A literatura é um dos meios pelos quais o homem encontrou para expressar suas formas oníricas que estão imbricadas no mundo das revoluções provocadas por ele mesmo. E tratando do período moderno, o texto poético acompanhou as mudanças que lhes foram necessárias para continuar revelando o mundo das imagens constitutivas dos impulsos imaginários que expressam modos de esperança, sentimento cunhado na consciência crítica frente às mudanças na história da humanidade. A teoria apresentada pelos estudos de Arno Münster (1993) refere-se aos tempos que ainda não existem, mas são necessários para que a marcha seja feita rumo à realidade imaginária que revela o mundo das auroras, criado pelo próprio homem e sua relação com o tempo/espaço de mudanças. Através das imagens poéticas reveladas nos poemas analisados constata-se que o poeta é o homem das verdades oníricas, pois ele é capaz de criar a realidade literária tal qual se inscreve nela, como ser revolucionário.





---

## Considerações finais

O presente estudo revela que o espaço de Esperança tornou-se simultâneo nos discursos poéticos, uma vez que tanto em “Sementeira (1ª versão)” quanto em “Pequena profissão de esperança total” há o desejo pautado na esperança que impulsiona o eu-lírico sempre à frente e, por isso, abre-se em possibilidade de se criar uma nova realidade social representada pela ação de meditar utopicamente o amanhã. Nesse sentido, o conceito de sonho diurno colaborou para que o estudo confirmasse o processo construtivo da imagem poética enquanto discurso humano diante da realidade social caracterizada pela revolução e evolução ocorridas durante o século XX no que se referem às guerras travadas pelos países que ainda estavam a mercê do poder político e econômico das potências mundiais, eles resistiram e lutaram para conquistar a própria independência e mediante as conquistas políticas estabeleceram também uma literatura de âmbito cultural nacional.

Portanto, a Utopia é o elemento que rege a consciência do eu-poético, ela é capaz de mantê-lo lúcido para que não contemple apenas o passado, mas o considere motivador para que se mude o presente, sendo que a energia propulsora do sonho diurno resiste aos sistemas ideológicos alienantes e configura o futuro como projeto que não se materializa pela burocracia, e sim, pela liberdade do sujeito que tem consciência daquilo que pretende realizar. Desse modo, pensar as relações sociais através do desejo de mudança é contradizer o presente e aproximar-se do futuro numa perspectiva de que ser livre depende tão somente da maneira de ser e ver as coisas no mundo, sonhar é arquitetar este sonho em potencialidade e possibilidade do amanhã que não espera, mas está vivo no agora, do poema.

Em cada poema apresentado há convicções a respeito daquilo que ainda deverá vir a ser, porque as confluências são permeadas pela Utopia, no





entanto, a maneira subjetiva do texto acontece quando consideramos que o sujeito representado no poema “Sementeira (1ª versão)”, de José Craveirinha pertence à realidade político social diferente da outra constitutiva do poema “Pequena profissão de esperança total”, de Dom Pedro Casaldáliga. A primeira trata-se do contexto social de Moçambique que na década de 70 estava imerso na luta pela independência, a população sofria com a opressão do sistema salazarista imposto pela Metrópole, Portugal. A segunda realidade se refere ao Brasil, onde a situação de exploração foi degradante, já que sujeitos sofreram com as ações respectivas do Latifúndio, empresas que foram instaladas na região do Araguaia no Estado de Mato Grosso em época de ditadura militar.

Desta maneira, pode-se afirmar que a literatura é capaz de incorporar convicções utópicas nos discursos poéticos quando estes são estruturas abertas, por este motivo, possibilita a promoção da consciência que deseja colocar-se em movimento com expectativas abertas à mudança de percurso, quando esta lhe apontar reformulações.

### Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias Hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa do século XX**. 2ª ed. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

\_\_\_\_\_. **De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos**. 1ª ed. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique: identidades, colonialismo, libertação**. 475f. Tese (Doutorado em antropologia).





---

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Letras e Ciências Humanas. USP- São Paulo, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. **Antologia Retirante**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

CRAVEIRINHA, José. **Obra Poética**. Maputo, 2002.

MAQUÊA, Vera. **Política e ideia de nação em Xigubo, de José Craveirinha**. Revista Mulemba n- 11 UFRJ- Rio de Janeiro. Dezembro, 2014. Acesso em abril de 2015 em [http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/numero\\_atual.php](http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/numero_atual.php).

MACEDO, Tania Celestino. **A Presença da Literatura Brasileira na Formação dos Sistemas Literários dos Países Africanos de Língua**

**Portuguesa**. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org.) Estudos Comparados Teoria, Crítica e Metodologia. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014. p. 443-478.

MÜNSTER, Arno. **Ernst Bloch: Filosofia da práxis e utopia concreta**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

PAZ, Octavio. **O arco e lira**. Traduzido por: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

